



## Entre o Global e o Local: Gaby Amarantos e a Glocalização<sup>1</sup>

Amanda Torres PINHO<sup>2</sup>

Fábio CASTRO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

### RESUMO

Busca-se neste artigo, exemplificar a Glocalização por meio de uma manifestação cultural intrínseca do estado do Pará. Para tanto, explanou-se inicialmente alguns conceitos e definições inerentes à palavra Globalização, demonstrando, em seguida, o reforço ao local e ao regional como um de seus efeitos, a partir da necessidade de se sentir único e diferenciado em meio a esse mundo globalizado. A recente notoriedade nacional da cantora paraense de tecnobrega Gaby Amarantos e a sua pertinente valorização às raízes nos serviram de base para, adotando-a como exemplo, trabalhar essa articulação entre Global e Local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Glocalização; Gaby Amarantos; Tecnobrega.

### INTRODUÇÃO

Não é de hoje que se fala em Globalização nem que se analisa a gama de efeitos que ela pode nos proporcionar. O mundo perde as fronteiras, a lógica tempo-espaço é invertida, contrariada, posta de cabeça para baixo.

Em meio ao que Hall (2006) chama de “Supermercado Cultural”, ficamos diante das mais variadas possibilidades de manifestações culturais, como se em meio a diversas prateleiras, pudéssemos levar para casa as que mais nos interessam. Ou melhor, aquelas com as quais mais nos identificamos.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelo, ou

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º Semestre do Curso Jornalismo da UFPA, e-mail: [atorrespinho@gmail.com](mailto:atorrespinho@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPA, email: [fabio.fonsecadecastro@gmail.com](mailto:fabio.fonsecadecastro@gmail.com).



melhor, fazendo apelo a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha (HALL, p.75).

Assim como há a possibilidade de conhecer o mais novo *hit* de uma banda de jovens do interior do Japão com alguns poucos cliques, há a necessidade de se valorizar o que é local. Trata-se de uma busca por um sentimento de pertencimento, de ser/ter algo único e exclusivo ao invés de pertencente ao mundo todo.

Em meio a esse conflito entre consumir o que todos consomem e valorizar o que é local e regional, nos deparamos com a possibilidade única de articular os dois mecanismos. Sem crises. É como se a Glocalização nos apresentasse elementos com cara de Global, mas com aquele velho corpinho – e por que não coração e alma – de local.

## **O MUNDO SEM FRONTEIRAS: A GLOBALIZAÇÃO E SEUS EFEITOS**

Multinacionais, influência massiva do inglês e da cultura norte-americana, digitalização da informação e avanços tecnológicos: essas costumam ser as primeiras imagens que nos vêm à mente ao se falar de Globalização.

Várias teses e teorias se somam na tentativa de conceituar essa palavra, já tão intrínseca ao nosso cotidiano. De acordo Isabel Ferin Cunha (2008, p.2), essas diversas teorias e definições “De uma forma consensual (...) apontam para um conceito utilizado para exprimir uma rede complexa de processos de interligação de práticas econômicas, sociais, e simbólicas a nível mundial”.

Não diferentemente da autora, Stuart Hall (2006, p.67) sintetiza o conceito como “um complexo de processos e forças de mudança” e explica:

Como argumenta Anthony McGrew (1992), a “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.

Tão diversas quanto as definições para a palavra Globalização podem ser, assim os são os efeitos causados por esse processo. Do mesmo modo que há uma tendência a se consumir cultura de forma globalizada, verifica-se o reforço às particularidades locais e regionais – até mesmo em detrimento à expressões nacionais –, intensificado por um sentimento de pertencimento, de ser diferente e único.



Alguns teóricos argumentam que o efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade cultural. Eles argumentam que existem evidências de um afrouxamento de fortes identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, “acima” e “abaixo” do estado-nação. As identidades nacionais permanecem fortes (...), mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes (HALL, 2008, p. 73).

## “ESTAR EM CASA”

O reforço dado pela Globalização ao local e ao regional é entendido a partir de uma necessidade de se sentir e/ou “estar em casa”. O termo, defendido por Isabel Ferin Cunha (2008), pode ser entendido como uma identificação através de uma língua, da cultura ou de histórias partilhadas, que se sobressaem em meio ao que a autora chama de “globalização ‘exacerbada’”, idéia que expõe como reiterada por Barker:

Barker fala de complementaridade entre mercados globais e mercados regionais e considera que a globalização promove movimentos importantes de regionalização, com base na língua, na cultura e história comuns (CUNHA, 2008, p.5).

Ainda segundo Isabel Ferin Cunha (2008, p.13), “O regionalismo (...) encontra-se interligado aos fluxos globais de comunicação e informação”. Nesse aspecto, é importante ressaltar que tudo que adquire proporções globais – um estilo musical, uma empresa de cadeias *fast food*, ou mesmo uma maneira de se vestir –, antes de se tornar global, nasce regional. Haverá sempre uma identificação em nível regional com algo considerado global.

A questão aqui é: o que define essa transição, essa passagem do local/regional para o global? Isabel Ferin Cunha apresenta autores como Martin-Barbero e Sreberny que, segundo ela, afirmam que, geralmente, “o que é produzido no âmbito do local/regional tende a ter um valor cultural e de mercado condicionado à periferia da globalização” (CUNHA, 2008, p.6).

Em contrapartida, exemplificando produtos que romperam a barreira entre o regional e o global, as telenovelas brasileiras e os filmes Bollywoodianos, utilizam-se de “estratégias de regionalização através de padrões tecnológicos e formatos globalizados” (CUNHA, 2008, p. 6).

Produtos produzidos em centros regionais específicos, mantendo padrões globais de produção, adquirem grande aceitação em regiões longínquas, por



irem ao encontro de ansiedades, expectativas, nostalgias ou memórias desses receptores (CUNHA, 2008, p. 9).

Entendemos, então, que para ultrapassar a fronteira do regional em direção ao global, os produtos originalmente considerados regionais, necessitam de aparatos tecnológicos que os assemelhem a outros produtos já entendidos enquanto globalizados, ampliando assim, as possibilidades de identificação.

Tomaremos como exemplo de caso, o Tecnobrega e uma de suas principais difusoras, a cantora Gaby Amarantos. O ritmo paraense surgido nos anos 2000 é considerado variação do brega, também do mesmo estado, cujas origens remontam o fim da década de 1970. Gaby Amarantos, que ganhou a alcunha de Beyoncé do Pará, em alusão à cantora Pop americana, já se apresentou diversas vezes em programas de televisão de veiculação nacional e teve suas músicas tocadas por DJs na Europa.

## **O RITMO QUE VEM DO NORTE: O TECNOBREGA PARAENSE**

A placa da aparelhagem de som e a concentração de pessoas na frente do estabelecimento não deixam dúvidas: está prestes a começar mais uma das muitas festas dançantes que se espalham por toda a cidade de Belém e por municípios vizinhos (COSTA, 2009, p.17).

Está acima descrita uma das festas de brega, conhecidas também como festa das aparelhagens. Comandadas por DJs, são nessas festas que os novos *hits* do brega são conhecidos e que novos cantores são lançados no “Circuito Bregueiro”, designação dada pelo historiador paraense Antonio Maurício Dias da Costa, em sua tese de doutoramento (2009).

Em sua análise, o professor nos mostra as festas de aparelhagem a partir de suas dimensões históricas e sociais e destaca que essas festas, ao longo do tempo, proporcionaram uma identificação entre o brega e seu público consumidor, fornecendo assim “a base para as evocações locais mais comuns do brega como uma marca ou símbolo regional” (COSTA, 2009, p.21).

Em entrevista, Gaby Amarantos vai um pouco mais além e afirma que o brega é “um estilo de vida, porque além de ser uma música que é diferente, tem uma forma de se dançar que é diferente, tem um jeito de se ouvir, de se curtir...”.

O brega é um ritmo paraense cujas músicas dançantes são tocadas em festas realizadas em todo o estado. A utilização do termo, entretanto, não verifica o sentido



depreciativo comumente associado à palavra brega. O ritmo, típico de Belém do Pará, tem uma história

que remonta aos boleros e merengues tocados nas “gafieiras” e “cabarés” da cidade dos anos 50 e 60 do século XX. Contudo, a sua construção como um estilo musical típico inicia-se em fins da década de 70 e começo da de 80, principalmente com sua difusão nas (...) festas de brega (COSTA, 2009, p.19).

Ao longo do tempo, o ritmo foi se modificando, os DJs foram ganhando destaque e, no início dos anos 2000, a influência da música eletrônica já era tão forte, que surge uma variação do ritmo: o Tecnobrega<sup>4</sup>. O ritmo mistura a cadência do brega original, do carimbó e do merengue com *dance*, *house*, e outros ritmos importados.

Em entrevista, a própria Gaby Amarantos resume

O Tecnobrega é uma batida eletrônica que surgiu na Amazônia há mais ou menos uns dez anos e uma das características mais fortes é a batida, porque é uma música que tem fortes batidas (...); é a coisa da tecnologia que se fez presente na música. Porque na verdade o tecnobrega é uma vertente do chamado brega, que é um ritmo que já existe aqui, essa música brega, esse movimento de música brega, há uns trinta anos (AMARANTOS, 2011).

## A BEYONCÉ DO PARÁ

Nascida no Jurunas, bairro periférico da cidade de Belém do Pará, Gabriela Amaral dos Santos começou a cantar ainda aos 15 anos de idade, em uma Paróquia da vizinhança. Um pouco mais tarde, já sob o nome artístico de Gaby Amarantos, a cantora alcançou alguma notoriedade com a banda TecnoShow.

Antes mesmo de lançar seu primeiro disco solo, previsto para janeiro de 2012 – que conta com direção artística de Carlos Eduardo Miranda – Gaby já foi destaque nacional por diversas vezes.

Foi em um festival de música no Recife em 2010, que, ao cantar “Hoje eu tô solteira”, versão em tecnobrega de “Single Ladies”, da americana Beyoncé, ganhou a alcunha de Beyoncé do Pará. O apelido, segundo a própria cantora em entrevista ao *Yahoo! Brasil*<sup>5</sup>, foi o que a levou ao Domingão do Faustão.

---

<sup>4</sup> Ainda surgiriam outras ramificações, como o Tecnomelody, Cybertecnó, e o Eletromelody, cujas diferenças encontram-se no estilo de letra e, principalmente, na batida e na aceleração conferida às canções através de softwares utilizados durante a mixagem das músicas.

<sup>5</sup> Disponível em < <http://www.festivalvaradouro.art.br/tag/gaby-amarantos/>> acesso em 19 dez.2011.



**Figura 1** Gaby em participação no programa Domingo do Faustão em maio de 2010

## **A ARTICULAÇÃO ENTRE O GLOBAL E O LOCAL**

Há juntamente com o impacto do “global”, um novo interesse pelo local (...). Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local” (HALL, 2006, p. 77).

Gaby Amarantos nos mostra essa articulação: Trata-se de uma artista local, regional, representante de uma manifestação cultural intrínseca ao estado do Pará, que se apresenta de maneira remodelada, com características do Global – assemelha-se e associa-se a uma cantora mundialmente reconhecida, passa a trabalhar com produtores renomados e ganha destaque nacional.

Por todos esses fatores, pode-se dizer que Gaby acaba por transformar-se em exemplo de um dos paradoxos da sociedade contemporânea, a Glocalização.

A “Glocalização” é uma Globalização que estabelece limites: ela deve se adaptar às realidades locais, em vez de ignorá-las ou simplesmente destruí-las. Na verdade, ao provocar uma resistência a si própria - suscitando um movimento mundial de contestação - a Globalização, ironicamente e paradoxalmente, termina contribuindo para a concentração da atenção sobre as realidades locais (GERTEINY, 200-?)



**Figura 2** Beyoncé do Pará x Beyoncé Knowles e a semelhança entre os figurinos



**Figura 3** Gaby, ainda com figurino semelhante ao de Beyoncé e a bandeira do Pará

Gaby Amarantos adquire ares de um fenômeno Global, sem perder particularidades e peculiaridades próprias e regionais, passando a transmitir conceitos e valores de seu local de origem.

Como exemplo disso pode-se citar sua participação no VMB 2011, evento de premiação da música brasileira realizado pela MTV, transmitido em rede nacional no dia 20 de outubro de 2011. Convidada ao evento, Gaby Amarantos, ao fim de sua



apresentação<sup>6</sup>, desfilou pelo palco com sua bandeira dupla face – que geralmente está presente em seus shows –: de um lado a bandeira do Brasil, do outro, a bandeira do Pará. A cantora ainda mandou um “Alô” ao Jurunas, seu bairro de origem, e ao Pará, saudando o que chamou de “A nova música do Brasil”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil imaginar qualquer manifestação cultural que não tenha sofrido nenhuma interferência, nenhuma influência dos ditos padrões globais ou globalizados. O que vale salientar é que a cultura não nasce espontaneamente em determinado lugar. Toda cultura surge de um processo cultural denso, de um processo de hibridação, transformação e luta simbólica.

O brega, o brega de raiz já existia no estado do Pará há trinta anos. Mas há dez anos ele se modificou. Os DJs locais, influenciados pela música eletrônica européia, trouxeram batidas de *eletro*, *dance* e *house music* ao já conhecido brega originando sucessivas vertentes ao ritmo.

Nesse contexto, surge Gaby Amarantos. Em um primeiro momento associada a uma cantora de padrões globais, busca com todas as forças desvencilhar de comparações. A personalidade, o vozeirão, o figurino e, por que não, a excentricidade, atraem olhos e ouvidos de qualquer um e os de um alguém específico: o produtor Miranda – que disse que, daqui algum tempo, a musa do Pará poderá competir de igual pra igual com qualquer Cláudia Leitte ou Ivete Sangalo.

Em seu novo CD, todo de músicas inéditas, a cantora irá incorporar às suas canções elementos nunca antes utilizados em produções de tecnobrega, como baixos, instrumentos de sopro, percussão e guitarras. Vale ressaltar que Gaby tem consciência do que essa inovação e a repercussão por ela causada podem vir a significar.

O desafio desse meu disco novo é mostrar para as pessoas: “Olha só onde o tecnobrega pode chegar! Olha só esse passo maravilhoso que a gente tá dando” (AMARANTOS, 2011).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

<sup>6</sup> Vídeo disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=d8vrpdMS56g>> Acesso em 19 de dez.2011.



AMARANTOS, Gaby. **Tecnobrega paraense**. Belém, Greenvision, 10 ago. 2011.

Entrevista concedida à Claes Andreasson, Jon Beaupre e Amanda Pinho.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. **Festa na Cidade: O circuito bregueiro de Belém do Pará**. 2 ed. Belém: EDUEPA, 2009.

GERTEINY, Gilbert Gilles. **Mundialização, Globalização, Localização e Glocalização**. Florianópolis, SC. 200-?. Disponível em <<http://www.ucam-sc.com.br/retorno.php?pk=69&fk=237>> Acesso em 16 de dez. 2011.

CUNHA, Isabel Ferin. **Estar em casa: os media entre a globalização e a regionalização**. Natal, RN: Intercom 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/r3-0257-1.pdf>>. Acesso em 16 de dez. 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

DINIZ, Isis Nóbile. **Gaby Amarantos: Guarde bem este nome! Yahoo!** Brasil. São Paulo. Sem data. Disponível em: <<http://www.festivalvaradouro.art.br/tag/gaby-amarantos/>> Acesso em: 19 de dez. 2011.

<[http://www.terruapara.com.br/?page\\_id=206](http://www.terruapara.com.br/?page_id=206)> Acesso em 19 de dez. 2011.